

# Stadium

NESTE  
NÚMERO:

A  
REPORTAGEM  
FOTOGRAFICA  
MAIS  
COMPLETA  
DO  
PORTUGAL  
FRANÇA

E  
ARTIGOS  
CRÔNICAS  
E  
OPINIÕES  
DA  
MEMORÁVEL  
PARTIDA



BAREK, O «DIAMANTE NEGRO», também sabe carregar os guardare-des... e outras coisas mais!

N.º 260

26 DE NOVEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

# Passamos por uma provação muito dura mas há males que veem por bem...

## Apontam-se, sem gaguejar, verdades!

Crónica de TAVARES DA SILVA

**N**ão acreditamos que entre o futebol da França e o de Portugal haja uma diferença tão sensível, que o primeiro esteja lá tão no alto e o segundo tão cá por baixo.

Poderíamos alinhar cá do nosso lado muitos argumentos. Bem sabemos que havíamos de esbarrar sempre com a muralha do resultado, mas seria fácil, saltar o obstáculo. Bastava pegar muito bem nos números, remexê-los muito bem remexidos, e tirar as conclusões ou induzir as outras pessoas a tirá-las. Mas não vale a pena! O futebol assenta na base da sorte e do azar, e aí de aquele que a Fortuna não bafeja! Porque não nos devemos esquecer que, em futebol, um golpe ou um acaso mudam por vezes totalmente a face dos acontecimentos.

Ao nosso grupo, além de outros dados positivos que resultariam de uma preparação um pouco mais cuidada e de um arranjo melhor ordenado, faltou a sorte do jogo no momento culminante.

Ao verificar-se o empate de Araújo, a maior alegria havida no Estádio Nacional, a vitória esteve por um cabelo, pois uma terceira bola produziria no campo de França os mesmos efeitos que produziu no lado português. A terceira bola resolveria a questão. Como resolveu, afinal, mas com sinal contrário às nossas cores.

... E deu-se a derradeira O que se passou na derradeira fase e foi especialmente nos dez minutos do fim não se descreve nem se imagina. Foi um espectáculo a todos os títulos lamentável.

Os franceses, sentindo a asfixia de um adversário gasto em jogo e em energias, deram-se a futebol de ataque com verdadeira volúpia — projectando todas as suas flechas nas balizas adversárias. Estas ficaram crivadas de golpes e cheias de nódoas, tão grandes e repulsivas que levarão muito tempo a lavar e a desaparecer de todo.

Evidentemente, a última imagem é aquela que mais fortemente se prende à assistência, deformando a partida. E não há dúvida que, nesse período, as duas equipas estiveram separadas por um abismo.

De um lado, um *team* brilhante, científico e dextro, no sistema do conjunto mas de realizações individuais. Contra este onze da França, audaz e destemido, ergueram-se onze sombras, abatidas e apáticas, sem dar acôrdo de si e sem domínio de inteligência, de nervos e reflexos.

Mas esta não foi sempre a fotografia do *match*! Durante toda a

primeira parte, a nossa equipa usufruiu vantagem territorial. Começado, porém, o segundo tempo, os jogadores portugueses fecharam os olhos para deixar o inimigo invadir e rebuscar todas as zonas, senhor absoluto do amplo terreno. Em seguida, na reacção que se verificou a nosso favor, consumimos as últimas migalhas de resistências física e técnica.

Tudo quanto se passou não deixa de causar a mais viva admiração. Já lá vai o tempo em que nos batíamos com o adversário sem as armas do ataque, vivendo do esforço pertinaz e laborioso das células defensivas! A boa organização do nosso jogo de posição, estruturalmente sólido, funcionando com a regularidade de um pêndulo, era o reduto onde se quebrava toda a força do inimigo. Este insistia, insistia sempre, mas cada vez encontrava uma couraça mais forte e uma armadura mais rijas. Resistíamos a todos os golpes, a todas as armas e a todos os tiros, e essa heroica resistência estava na base dos contra-ataques vitoriosos, já com o adversário relaxado de vontade e de forças.

Dizia-se então, e assim era, que se tornava indispensável criar um ataque que correspondesse ao magnífico labor da defesa, e procurou-se com afã descobrir essa milagrosa dianteira. O trabalho que isso deu! Mas no fim e ao cabo todos ficámos contentes, em virtude de se dispôr de uma coisa que nunca tínhamos tido: um ataque vivo, dextro, animado, capaz de fazer golos e de desviar a atenção do inimigo das nossas balizas. No Portugal-Espanha, da nossa primeira vitória, podia considerar-se obtida a fórmula da harmonia, havendo duas forças de valor semelhante, um ataque de fogo e uma defesa revestida de cimento. Mas então, na evolução do Grupo Nacional, e por um fenómeno estranho, manteve-se a força da linha avançada mas começaram as provações nos sectores da defesa, verificando-se falhas e deficiências de difícil cobertura. Voltando-se, portanto, aos tempos do desequilíbrio, com a diferença de que o mal se encontrava agora na defesa e não no ataque. Não esconderemos que o Portugal-Inglaterra foi uma violenta machadada nos alicerces já carcomidos dos sectores da defesa e na compenetração das cinco unidades. Deu-se um choque tão grande que não admira que as suas consequências se projectassem pelo tempo adiante.

Simplemente, nada de isto foi observado nem analisado, não se buscando os remédios para o mal,

num esforço bem orientado, antes, pelo contrário, gosando-se alegremente a aventura e procurando-se tapar as falhas com palavras, muitas palavras, como se estas tivessem ou pudessem ter efeitos mágicos.

Assim, o *team* alinhado da mesma forma do ano passado, mais ou menos, mas diminuído ainda pela ausência de uma das suas bases.

Os seus pontos fracos eram patentes e tiveram expressão no seguinte:

— Solução falha de lógica e de inteligência no arranjo da parrelha defensiva, colocando-se como defesa lateral um jogador, esforçado e voluntarioso, de boa estampa atlética, mas sem hábito da função e de difícil adaptação, e deixando de fora um homem que normalmente desempenha a função específica, e que embora com defeitos é um jogador de relevo e um atleta de fibra;

— Solução trivial da linha medular, embora os jogadores tivessem dado no Campeonato Distrital a indicação de que se encontravam em abaixamento de forma. De qualquer maneira, deu-se o caso de ficar à porta da entrada da *linha* o médio de mais constante regularidade, excepcionalmente vigoroso e capaz de, pelo impulso próprio, mudar a face do jogo;

— Solução sem audácia na linha da frente, mantendo no posto de avançado-centro um homem que, reunindo excepcionais qualidades, devia acusar os efeitos de uma época instável.

Tem-se, portanto, que, no papel, a solução dada à equipa nacional não poderia satisfazer. Mas esteve, ao menos, a Selecção em boas condições físicas e técnicas?

Falou-se e abusou-se do termo de preparação, mas a verdade é que se fez muito pouco para ligar e tornar robusto o chamado entendimento global. Num primeiro escalão, um pouco divertido, chamaram-se homens sem classe, não se vislumbrando uma rectificação que assentava sob bases tão falsas e erradas. Depois, num segundo escalão, seguiu-se uma linha de preparação sinuosa, deixando-se de treinar no que a palavra contém de verdade para se meter de permeio um desafio formal, sem tino nenhum, e voltar-se mais tarde a uma prova demastadamente fácil. Consequência à vista: nem o ataque treinou em conjunto, nem a defesa tão pouco. Seguiu-se sempre um determinado caminho para, no momento das decisões, se tomar por um atalho inteiramente diverso.

A-par de isto, e mais para dar nas vistas do que com outro propósito, insistiu-se em lições teóricas isoladas quando, em vez do tabuleiro, se deveria ter preferido pisar a relva no adextramento prático. E abandonou-se a salutar prática do estágio, em que tranquilamente se podem dar as lições teóricas e apertar mais e mais os laços de camaradagem para se optar por um regime estranho, sem proveito.

Fez-se, portanto, alguma coisa, com cabeça, para melhorar um estado de coisas que por todos era pressentido?

Julgamos que a resposta se encontra no que fica atrás circunscritamente relatado. Para fecho da orientação, temos ainda a nomeação do capitão da equipa, contra todos os usos, e resolução altamente impolítica e mais própria para separar os elementos do grupo do que para os unir. É absolutamente compreensiva, para não ir mais longe, o abaixamento de moral de Amaral, um jogador que geralmente não se verga à adversidade do jogo.

No fundo, os franceses julgavam vir encontrar um marmelo cru e foi-lhes oferecido um pedaço de marmelada. Eles aproveitaram dextramente o presente.

Estamos inteiramente convencidos que a equipa francesa é do mesmo nível daquela que vencemos por 2-1 e que defrontámos há meses em Colombes. Mas em qualquer destes *matches*, os portugueses, tenazmente, não os deixaram jogar e fizeram uma verdadeira guerra de nervos e de perseguição, a todo o momento e em todas as situações. Nesta derrota de domingo passado, deixámo-los demonstrar às vezes placidamente a excelência do seu estilo, a perfeição do controle de bola, a precisão da passagem e a subtilidade e a-propósito da desmarcação. E! muito mais fácil — é dos livros! — jogar à vontade do que em regime de vigiância cerrada.

Fugimos propositadamente neste artigo a dar uma impressão mais larga e objectiva do encontro, no seu aspecto tático e do trabalho dos jogadores, matéria já por nós suficientemente versada. Talvez que os jogadores, apesar das pedras que se lhes atira, sejam os menos culpados. Em nossa opinião queremos vincar que, apesar de tudo, houve um grande homem na defesa (Feliciano) e outro grande homem no ataque (Travassos). Balanço mingauado, mas realidade! Que Deus ponha a virtude na Selecção de Portugal!



No momento em que Tavares da Silva profere, no ginásio do Belenenses, a sua brilhante lição sobre técnica e tática do jogo, aos alunos do curso de aprendizagem de futebol. A assistência segue interessadamente a palestra, na sessão de abertura do Curso e que presidiu o sr. dr. Octávio de Brito

## A ESCOLA DE JOGADORES DO BELENENSES!

# Uma lição de futebol

### O desenvolvimento e a análise dos pontos fundamentais do jogo

O curso de aprendizagem do futebol, a iniciativa do Belenenses que já criou raízes, começou a funcionar «de pleno». O Curso, a cargo de Quaresma, tem uma certa autonomia, mas a Direcção do clube segue com o maior dos interesses tudo quanto se refere à sua iniciativa, que deseja ver mais aperfeiçoada, de forma a preencher completamente o fim em vista.

Os dirigentes de Belém trabalham em profundidade! Eles bem sabem as canceiras a que são obrigados pela falta de jogadores, e a dificuldade em substituir qualquer dos titulares... Assim, o desejo de «fazer escola» corresponde a uma necessidade premente.

Ao lado do ensino do treinador, o Belenenses resolveu portanto levar a cabo uma série de palestras educativas, completando a educação dos alunos: lições de fé belenense, criando e desenvolvendo o amor pelo clube; e páginas de ordem científica.

A inauguração do Curso realizou-se na semana passada. No Ginásio do Belenenses — um aproveitamento útil e uma bela obra! — compareceram não só os jogadores, como pessoas de suas famílias, jogadores de todas as categorias do clube, o antigo internacional e competente treinador Augusto Silva, e todos os elementos da Direcção, com o seu presidente e vice-presidente, sr. dr. Octávio de Brito e Acácio Rosa. Também estiveram presentes, tomando lugar na mesa de honra os nossos prezados camaradas e brilhantes jornalistas, Raul de Oliveira e Neves Reis, e também o sr. dr. Borges de Pinho.

O presidente do Belenenses, abrindo a sessão, referiu-se nos mais elogiosos termos às duas pessoas convidadas para a inauguração, salientando a sua contribuição ao jogo e à própria Organização.

Tavares da Silva produziu um excelente trabalho, claro, lógico, racional e científico, em linguagem simples. O nosso camarada de trabalho aproveitou a oportunidade para se referir à orientação do Belenenses, dizendo da capacidade e da idoneidade das pessoas que o dirigem.

Tavares da Silva focou principalmente os seguintes pontos:

— Há pessoas com mais habilidade e vocação do que outras, mas só uma intensa aprendizagem fará um grande jogador de futebol.

— O futebol é um jogo de equipa,

e todo o que quiser vir a ser jogador tem de mostrar-se solidário, desinteressado, completamente não-egoísta.

— O futebol exige do jogador determinadas qualidades físicas (destreza, velocidade, resistência) e morais (domínio de si próprio, sangue-frio, generosidade).

— Um princípio básico é o do jogador saber, em todos os problemas em campo, como resolvê-los.

— Essa perfeição consegue-se por meio do treino individual e estudo e análise do jogo de conjunto.

— Regime de vida do jogador para ele poder treinar com proveito.

— Operações do treino; o jogador de futebol deve ser um corredor de velocidade e um bom saltador.

— Do treino individual para o jogo de equipa.

— Conjunto de meios relativos à Técnica do Jogo.

— A arte de dispor e movimentar os jogadores em campo (Tática).

— As duas fases diferentes do futebol: o ataque e a defesa.

— As duas formas puras de ataque: passe largo e passe curto. Qual o melhor ataque?

— Características do jogo de defesa e sua organização.

— Exageros a-respeito de «táticas»: Evolução do futebol com a alteração da Regra do «Offside».

— Herbert Chapman, o criador do método W. M., e a-propósito suas derivantes,

— A amplitude do terreno que os jogadores cobrem justificam as «táticas».

Todos estes pontos foram desenvolvidos com impressionante clareza por Tavares da Silva, mantendo a assistência entretida e na melhor disposição.

Por sua parte, o sr. dr. Coelho da Fonseca fez uma verdadeira oração de fé belenense, com carinho, simpatia, numa fala mesmo impregnada de saudade. As grandes figuras do Belenenses, e Pepe mais em primeiro, passaram pela retina dos espectadores animadas pela palavra belenense do sr. dr. Coelho da Fonseca.

O Curso de Aprendizagem é já hoje uma realidade! Os resultados positivos só se verão mais tarde. Mas sabemos que o Belenense tem entre mãos outras iniciativas muito interessantes ligadas ao seu magnífico curso.

# A questão do «capitão»



AMARO

Encerrada a reportagem que fizemos à volta dos componentes da nossa equipa, constatámos a falta das declarações de Amaro. Aberrámos-nos do conhecido «internacional» e pedimos-lhe também a sua opinião.

O resultado foi justo — diz-nos o «capitão» belenense. Ganhou a equipa que melhor apetrechada se apresentou no terreno.

Chamámos-lhe «capitão» da equipa belenense. Isso nos traz à ideia os comentários que fervilharam nos «mentideros» da bola, durante a semana finda, à roda da exclusão de Amaro para idêntico cargo na equipa, e a explicação vinda a público. Pedimos-lhe duas palavras sobre o assunto. Este, é melindroso, e Amaro escusa-se muito naturalmente a abordá-lo. Insistimos, porém, e o médio nacional não vê outro remédio, perante a nossa teimosia, que não seja «abrir-se». As suas palavras são católicas, medidas, e dão-nos tempo a que as anotemos, o que lhes dá melhor sabor, o sabor da verdade:

— Confesso-lhe que joguel moralmente deminuído, pois tudo me levava a crer que seria eu o escolhido para capitanear a equipa. Não o fui... paciência! Não quero pensar que houvesse da parte do Comité de Selecção a intenção de afastar-me, pois me custa compreender a razão de ser disso, mas a grande verdade é que o meu temperamento de jogador brioso, que se sente muito honrado com o pertencer à equipa nacional, não podia deixar de acusar o choque. Não sou vaidoso, nem nunca me moveu esse sentimento, que reputo indigno do jogador que quer triunfar, mas não posso deixar de me «sentir». A resolução tomada desapontou-me, portanto,

e as minhas possibilidades resentiram-se desse desapontamento.

— E Peyroteo?

— Faça-lhe a justiça — diz-nos Amaro — de o crer mais surpreendido com a resolução tomada. Tanto assim que nos procurou — a mim e ao Azvedo — para nos afirmar a sua solidariedade e que não se sentia bem no cargo, uma vez que existamos nós os dois na equipa.

— Alguma vez capitaneou a equipa? perguntamos-lhe.

— Não. Quando a incumbência foi dada a Cardoso, aliás muito bem, até porque é mais velho do que eu, encontrava-me impossibilitado de lhe dar o meu concurso, pois foi no período em que a doença me impediu de jogar.

— Desde quando é seleccionado?

— Alinhei pela primeira vez numa equipa representativa do nosso país em 1937. Completei hoje a minha 19.ª selecção.

— Um número bonito, comentámos.

Também me parece. E creio que, a dar-me direito de reivindicar para mim — embora não tenha sido autor de vitórias, mas lhes tenha dado contributo, o lugar que por motivos que não posso nem me interessa explicar, me foi negado. A correcção que ponho em todos os meus actos — quer de jogador quer de homem — e a confiança que em mim depositam todas as Direcções do meu clube, que me têm encontrado no desempenho do cargo de «capitão» sem que hajam reconhecido que erraram os que há 9 anos mo deram, tudo isso me pareciam «recomendações» suficientes para a candidatura. Não se entendeu assim. Paciência!... reptio.

Desviámos agora o rumo à conversa que vimos mantendo com o simpático jogador — cérebro da equipa de Belém, e voltamos ao princípio:

— A que atribui a nossa derrota?

— A melhor preparação da equipa adversária e à «falha» do nosso sistema tático.

— Dos nossos jogadores, quais os que mais lhe agradaram?

Amaro é afável e sincero a responder-nos:

— Não citarei nomes, porque a grande verdade é que me não agradou o trabalho da nossa equipa. Todos, sem excepção, estiveram abaixo do seu normal.

— Dos franceses?

— Gostei, duma forma geral. Achel-os um pouquinho duros, mas não violentos, note!

— E a arbitragem?

— Aparte pequenos deslizos, que, aliás, não prejudicaram grandemente, reputo-a de boa.

R. de Matos

**Stadium** já se encontra instalada na sua nova Sede, na RUA DA ROSA, 252, 1.ª, sendo para esta direcção que deve ser enviada toda a correspondência.



*A selecção portuguesa de futebol que perdeu 2-4 contra a França!*



*O avançado-centro nacional não tem tempo de rematar.  
Da Rui agarra a bola com as mãos*



*Barak e Baratte parece terem  
vencido no corpo-a-corpo com  
Feliciano e Barroza*



*Já no fim da 2.ª parte, Peyroteo procura ainda destruír  
o jogo do adversário...*



*Os defesas da França fizeram uma marcação cerrada. Nem  
Peyroteo nem Travassos conseguirão desta vez o golpe mortal*

## *Imagens do PORTUGAL-FRANÇA*



*Já na fase última de um ataque português, a combinação  
de Peyroteo com Jesus Correia é cortada com energia*

# Embora curta, a carreira de DUARTE

o pequeno interior belenense

já tem os aspectos curiosos  
que revelamos na sua 1.ª entrevista



«É assim que conduzo a bola e caminho das redes»... eis o que Duarte parece interessado em provar!

**F**IELIS ao programa que nós traçamos de trazer até ao contacto do grande público do desporto as figuras dos «novos», cuja inclusão nos quadros dos «grandes» revela o propósito de reanudar as equipas com sangue estuante de «seiva», apresentamos hoje à aguçada curiosidade dos nossos leitores alguns aspectos da vida de José Pereira Duarte, o habilidoso interior-esquerdo dos «belenenses».

Oriu dum clube modesto da margem esquerda do Tejo, o jovem à roda de quem gira a nossa reportagem de hoje, viu a sua habilidade natural «cobiciada» por alguns dos «magnates» do futebol lisboeta — como ele próprio no-lo diz. É que a sua intuição para o lugar, a «queda» especial para «brincar» com a bola, obrigando-a ao que os seus caprichos de jogador irrequieto e moço lhe impunham, foram qualidades que transcendiam dos acanhados limites da sua terra natal, a minúscula Caparica, para, depois de atravessado o Tejo, se fixarem do lado de cá do remansoso rio. E começou, então, a delinear-se, em mais preciosos tons, a nova faceta da carreira do esperançoso jogador, cujo ingresso na «turma» de Amaro constituiu a satisfação dum velho anseio.

Detentamo-nos, porém, para que seja ele próprio — através do que lhe ouvimos durante uma sessão de treino a que se deu afincado, sob as vistas do argentino Scopelli, e que procuraremos reproduzir fielmente — a dizer-nos o pouco — que um dia poderá ser muito! — que tem a contar da sua ainda curta carreira de futebolista.

Principiando a conversa, procurando saber a idade, naturalidade e estado de José Pereira Duarte:

— Tenho 20 anos, nasci no Monte da Caparica e sou solteiro.

Cabe aqui, em ligeiro parentesis, chamar a atenção das admiradoras de Duarte para a última parte da resposta. Poderão candidatar-se com mais «à vontade»...

Entretanto prossigamos, procurando saber onde começou a sua actividade desportiva.

— No «Monte Caparica Atlético Clube», — diz-nos Duarte prontamente.

— Com que idade?

— Contava 18 anos. — Como se adivinhasse o que iríamos perguntar-lhe, Duarte prosseguiu:

— Alinhei ali, pela primeira vez, num encontro particular que a categoria reserva disputou contra a C. U. F., de Lisboa. Julgo que agradei aos que me «lançaram», porque passei logo a alinhar no primeiro «team». — E acrescentou: Estava satisfeito o meu sonho dos tempos em que me juntava com outros miudos da minha idade, andávamos então pelos 10 anos, para os renhidos «desafios» que disputávamos na praía, com uma «trapeira».

Não podemos deixar de sorrir à evocação — comum a quase todos os que jogam pela paixão do jogo, e prosseguimos, levando-o a contar-nos mais qualquer «coisa».

— E chegou a altura de vir para Lisboa... Foi no princípio desta época que se me deparou a oportunidade de enfileirar num grande clube, o Belenenses, e cá estou.

Quisemos saber em que categoria alinhou.

— Na reserva, onde fiz dois jogos — elucidá-nos Duarte. — Passei depois à primeira categoria, onde tenho alinhado sempre, e donde tudo farei para não tornar a sair. Quero corresponder, assim, não só à confiança que em mim depositaram os que me proporcionaram a grande honra de envergar a camisola azul do clube onde alinho, como também à confiança que mereci àquele que me «descobriu» e deu os primeiros e valiosos ensinamentos. Refiro-me ao excelente jogador que foi Viriato, então treinador do Monte da Caparica, a quem devo — sem dúvida alguma o afirmo — muito do pouco que valho.

— Não se sentiu tentado por outro clube?

— Desde muito novo que nutro uma simpatia muito especial pelo Belenenses. Tive oportunidade, também, de envergar a camisola do Atlético, pois fui solicitado nesse sentido, e cheguei até, a treinar na Tapadinha. Circunstâncias várias, porém, impediram que assim fosse, e cá estou no clube de que mais gosto, de facto.

— Sente-se bem, então, no Belenenses?

— Pode crer que sim! Admiro muito a camaradagem entre todos os colegas de equipa e o apoio da massa associativa. Isto não quer dizer, entretanto, que não sinta saudades do Monte da Caparica Atlético Clube. Compreende... foi lá que comecei.

— «Não há amor como o primeiro...»

— É esse deixou raízes tão fundas no meu coração que é para lá que voltarei se algum dia o Belenenses dispensar os meus serviços.

Entramos, de novo, no «presente», para fugir a evocações com seu quê de saudosismo. Pedimos-lhe que nos diga como encarou a estreia na primeira categoria do Belenenses.

— Sabe lá o que isso representou para mim! Quando entrei no campo

— a minha estreia foi no Lumiar, contra o Sporting — e olhando à volta vi os milhares de cabeças que emolduravam o rectângulo do jogo, senti um aperto enorme no coração. Eu, já de mim sou pequeno de estatura, mas tive a impressão de que ainda me fiz mais pequeno. Quando, momentos depois, o apito do árbitro soou para o começo do desafio, julguei que as botas estavam presas à relva, tal a dose de nervosismo...

— E depois?...

— Depois... tudo passou, como por encanto, com o desenrolar das

Sinto-me muitíssimo bem nesse lugar da equipa.

Ainda que a carreira desportiva do nosso entrevistado seja curta, muito curta mesmo, não deixámos de sentir curiosidade de saber se já há nela qualquer facto agradável.

— Recordações — diz-nos Duarte — é cedo ainda para as ter «armazenadas». Há, sim, desafios que se nos gravam mais fortemente na ideia, tal a satisfação que nos deram. É este o caso, por exemplo, e confesso que é bastante agradável a recordação que dele conservo, dum encontro que o Monte da Caparica Atlético Clube



Duarte, a nova revelação do Belenenses, conta-nos pormenores da sua vida de desportista. Scopelli sublinha, risonho e efêvel, as declarações do seu pupilo

primeiras jogadas. Serenei a tal ponto que me esqueci completamente de que tinha milhares de espectadores à minha volta. E, quando no final do desafio, saímos de posse duma vitória preciosíssima, não pude calcular a alegria que havia dentro de mim. Considerei a minha estreia como «mascote» da equipa. Pena foi que no nosso campo não confirmássemos a vitória...

— Quantos golos fez na Taça de Honra?

— Um só. Foi na última jornada, contra o Atlético, na Tapadinha.

— Gosta do posto em que alinha?

— Sim, muito!

— Tem conhecido outros?

— Não. Joguei sempre a interior-esquerdo, e não gostaria de mudar.

disputou com o Almada. Vencemos por 3-0, e marquei um golo. Sempre se tratava do campeão da II Divisão de Setúbal, e o meu clube não disputava provas oficiais...

— E factos desagradáveis?

É rápida a resposta:

— Nada, felizmente! E queira Deus que ao findar a minha carreira possa responder da mesma forma.

Acompanhamo-lo mentalmente ao desejo e formulamos sinceros votos de que a vida desportiva deste rapaz que temos em frente, já mais seja maculada por qualquer má-recordação. Entretanto, prosseguimos, agora já prestes a dar por finda a cavateira. Inquirimos das suas preferências por camaradas.

(Continua na pág. 18)

# A vida dos jogadores e dos clubes

A visita de um clube português despertaria o maior entusiasmo

(De Candeias Alvarez, Especial para «Stadium»)

O jogador brasileiro, excepção feita a uma minoria, vive bem. Os seus vencimentos são de molde a permitir-lhes, mesmo sem a orientação do conselho técnico do Clube, uma preparação alimentar especial, factor importante na vida de um desportista. Todos os jogadores recebem mensalmente um ordenado que varia entre 1.000 e 1.500 cruzeiros, afóra os prémios de jogos que oscilam de 500 a 3.000 cruzeiros, por cada desafio, e ainda os prémios de transferência que anualmente lhes dá uma renda que nunca é inferior a 60.000 cruzeiros, recebendo alguns até prémios de 300 e 400 mil cruzeiros anuais.

Pelo exposto deduz-se que na sua maior parte os jogadores brasileiros vivem muitíssimo bem. Actualmente é difícil encontrar-se um jogador que, jnto com as suas actividades desportivas, não tenha o seu estabelecimento de comércio ou indústria, o que constitue outra fonte de receita, sendo até alguns deles proprietários e fazendeiros.

Que contraste a fazer com a vida dos jogadores portugueses...

## O treino das equipas

O sistema usado no Brasil é absolutamente diferente daquele que é seguido em Portugal, já porque neste caso os jogadores são considerados funcionários do Clube e não tem que ter a preocupação de, treinando, estar a olhar para o relógio com medo de perder o ponto na repartição, já porque a estes é exigido muito mais do que o normal.

Os treinos dos clubes ocupam os dias de terça a sexta-feira, descansando os jogadores nas segundas e sábados. Invariavelmente são feitos semanalmente dois treinos de conjunto com a duração de 90 minutos, sendo exigido ao jogador todo o esforço como se de um desafio de campeonato se tratasse, sucedendo às vezes que nos próprios treinos se verifica a célebre lei das lesões. Os outros dias são dedicados a ginástica e treino individual.

Nos treinos de conjunto o jogador tem a liberdade de fazer o que lhe der na real gana, podendo driblar, passar, chutar, correr sozinho com a bola, sem que o treinador pense menosprezar o seu esforço ou influenciar o jogador na sua maneira pessoal, limitando-se algumas vezes a retificar um pontapé mal dado ou a maneira de correr no terreno.

Aqui, e isso foi notado pelo nosso Rogério, dá gosto treinar, pois que não existe treinador algum que tenha a coragem de dizer a um jogador que não drible, ou que não chute à baliza.

Findas as sessões, o treinador aponta nas cabines os erros cometidos pelo «team» sem fazer uso do chamado tabuleiro, e é nisso que eu noto um grande defeito visto que o jogador que fez uma ou duas asneiras não pode de forma alguma conservá-las na ideia, o que dificulta os ensinamentos do treinador; usando o tabuleiro tornar-se-ia muito mais fácil o seu trabalho.

## Como funciona a organização desportiva

A organização desportiva no Brasil funciona sob a direcção da Confederação Brasileira dos Des-

portos do Brasil — com os seus sumptuosos salões, e o campo de jogos do Vasco da Gama, considerado o primeiro do país e onde se realizam todos os torneios inter-americanos.

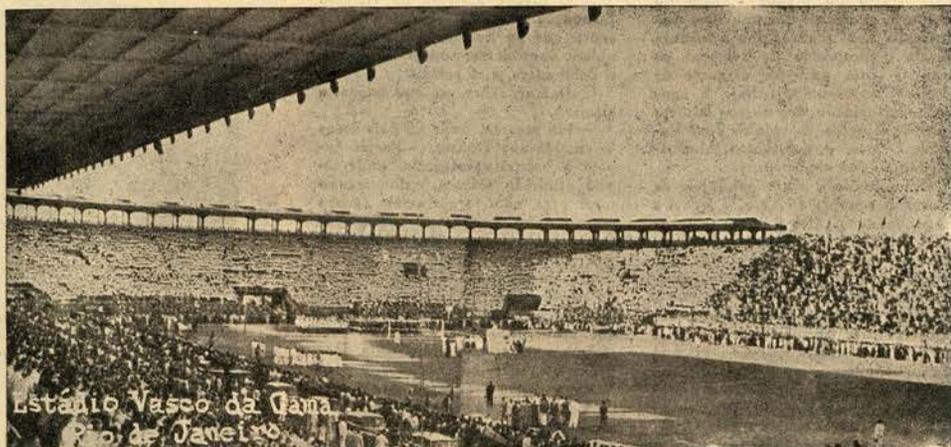
Aliado às grandes receitas que todos os clubes auferem, não é para desfeitear aquela outra receita proveniente da massa associativa, cuja contribuição mensal nunca é inferior a 30 cruzeiros, oscilando as joias entre 200 e 500 cruzeiros.

Por todos estes motivos, pode-se afirmar que todos os clubes brasileiros vivem uma vida sem preocupações porque, como atrás digo, além das receitas serem compensadoras, os impostos são

provindo mais das direcções dos clubes do que do próprio Tribunal de Justiça Desportiva.

O desenvolvimento do nível técnico do futebol brasileiro — nível esse do qual muito ainda há a desejar — deve-se única e simplesmente a esse profissionalismo declarado que em Portugal — sejamos francos nesta afirmação — se torna quase impossível, já pela maneira como vivem os nossos clubes, com contribuições mínimas da massa associativa, já pelos muitos encargos de que todos os nossos clubes estão sobrecarregados, e ainda pela actual falta de contacto com clubes estrangeiros, o que aqui não sucede visto o Brasil ser anualmente visitado por um ou dois clubes argentinos, chilenos, uruguaios, etc, etc., países onde o jogo é uma coisa rotineira que chega a aborrecer pela falta de improvisação.

Assisti aqui ao jogo internacional Brasil Uruguai, ganho pelo primeiro depois de uma partida cheia de incidentes, em que o «team» uruguaiano me deixou a melhor das impressões pelas jogadas vistosas e práticas que desenvolvem. Hoje mais do que nunca é de afirmar sem receio de desmentido que o desenvolvimento do nível técnico futebolis-



O magnífico estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, o melhor campo do Brasil, onde se devem disputar vários encontros do Campeonato do Mundo em projecto e mercado para aquela grande país da América do Sul

portos, a entidade a quem as Federações Metropolitanas de Futebol prestam contas de todos os seus actos, tal como entre nós sucede com as Associações regionais e a Federação de Futebol.

## A situação dos Clubes

No Brasil onde a «aficção» pelo futebol é enorme, todos os clubes vivem desafogadamente pois que as receitas apuradas são verdadeiras compensadoras o que, aliado às vendas de passes de alguns dos seus jogadores, lhes permite até contratar outros por quantias fabulosas, chegando-se a dar 500 contos pela transferência de um jogador — veja-se o caso Jair do Vasco para o Flamengo.

Todos eles têm as suas sedes próprias e campos de jogo relvados, com todas as comodidades, sendo no entanto para distinguir a sede do Fluminense — indiscutivelmente o clube aristocrata

diminutos, em comparação com aqueles que pagam os clubes portugueses.

## Opiniões sobre o profissionalismo

Aqui como em toda a parte, o profissionalismo é apreciado como o factor principal do desenvolvimento do futebol, pois que só nessa base é possível exigir-se do jogador a satisfação de todos os compromissos e a certeza de que o mesmo em todas as circunstâncias sabe conhecer e destrinçar as suas responsabilidades. O profissional brasileiro é na sua maior parte consciente e cumpridor, porquanto a disciplina imposta pelos grêmios a que pertencem é severa. No entanto, e devido à sua latinidade, quando em campo, são geniosos, esquecendo muitas vezes todos os conselhos e todas as obrigações, o que na maior parte das vezes lhe é prejudicial porque as punições são severas,

tico de qualquer país se deve em parte ao contacto permanente com clubes estrangeiros.

## Questões de disciplina

Nem a Confederação nem as Federações tem autoridade para castigar qualquer jogador ou qualquer clube, pois que essa função é atribuída ao Tribunal de Justiça Desportiva, absolutamente imparcial nas suas punições, que vão desde a suspensão por um número indeterminado de jogos até à multa em dinheiro.

Os campeonatos são disputados da seguinte forma: Torneio Municipal, a uma mão, em campo neutro, e Campeonato Carioca em duas mãos, nos moldes dos nossos antigos campeonatos regionais, pretendendo neste momento a F. M. F. alargar o âmbito dos mesmos, permitindo a inscrição de clubes militantes no interior do Brasil.



A magnífica Seleção da França que obteve a sua primeira vitória em território português, por 4 a 2.

Azevedo saltou das balizas a cortar uma passagem por alto! Se a bola tem passado, o golpe seria mortal...



Os franceses admiram o nosso jogo de cabeça, mas não deixam também de ser exímios no jogo por alto!



Estamos ao ataque! Araujo disputa a bola com vivacidade e coragem.



Feliciano eleva-se muito bem, e frustra um ataque renhido da linha dianteira francesa.

Peyrote e Jesus Correia desenvolvem um ataque perigoso. A fisionomia dos franceses mostra que a situação não é agradável!



DEPOIS DO PORTUGAL-FRANÇA

# Perdemos porque os franceses nos foram superiores...

... Disseram à nossa Revista os componentes da equipa nacional e do comité de selecção

*Confirmaram-se as previsões da grande maioria — se não da totalidade, dos jogadores da equipa representativa da França. Ao descerem do avião que os depôs na Portela, vindos da cidade-luz, os gauleses afirmaram a sua inabalável fé na vitória. E confirmaram-na nos 90 minutos de luta, bem ao contrário dos nossos, que cedo se entregaram à certeza do resultado feito, sem um assomo de «ralés» que os levasse a buscar uma vitória. E o optimismo de que pareciam querer dar provas, 24 horas antes do embate no Jamor, levaram-nos a esperar um prémio bem mais diferente daquele que observámos. Não vamos fazer a crítica do encontro. A missão não nos pertence. Vamos, apenas, transmitir o que recolhemos, depois dele, na mira de buscar elementos que nos habilitassem — se possível — a encontrar a razão de ser da quebra da fé verificada nas hostes lusitanas.*

## Unanimidade de opiniões: «Os franceses mereceram ganhar»

Posta de lado, pela azáfama do momento, a ocasião de ouvir os nossos jogadores «in loco», nas cabinas, optámos antes pela oportunidade de os encontrar reunidos no banquete no Avenida-Palace, uma tradição dos jogos internacionais.

Ali fomos, pois. A' excepção de Peyroteo, impossibilitado de comparecer porque o estado geral de saúde o não permitia, como resultado da «brecha» aberta no frontal, durante o encontro, e de Azevedo, cuja recusa formal de prestar declarações não conseguimos vencer, recolhemos as opiniões que a seguir transcrevemos, em breve relato, prestadas por todos



ALBANO

os seleccionados e alguns dos suplentes.

Curiosas, pela quase unanimidade de pontos de vista, prestam-se algumas a conclusões interessantes quanto ao estado de espírito da equipa.

Principiámos por **Moreira**:

— O resultado foi justo. É inegável que «eles» jogaram mais que nós. Dispõem duma tática



MOREIRA

diferente da nossa, que nos desconcertou.

— A que atribui o fraco rendimento da nossa equipa?

— Não sei... Confesso-lhe que não sei... Apenas posso dizer-lhe que em determinado momento me vir isolado, e que é absolutamente certo que perdemos porque merecíamos perder. Desta vez nem há lugar para a consolação moral...

Anotámos as palavras de Moreira e passámos a **Travassos**, o homem da candidatura comprometida, acusado de egoísmo, do que afinal se ilibou. Aqui está o que nos disse:

— O resultado é absolutamente justo.

Quanto à superioridade dos adversários, Travassos acrescentou:

— Em técnica, de equipa e individual, estão muito acima de nós. Vê-se que todos os jogadores franceses que hoje actuaram no Estádio Nacional, usam, para o futebol, não só os pés como também a «cabeça». E isto é muito importante. São talvez um pouco duros, mas isso não elimina as suas qualidades técnicas.

Sobre arbitragem:

— Gostei do trabalho do árbitro.

Interrogado sobre a «capitania» de Peyroteo, Travassos diz-nos:

— Não. Não gostei da actuação de Peyroteo, nesse pormenor. Amaro ou Azevedo teriam, quanto a mim, desempenhado melhor o lugar.

E com a afirmação de que as suas preferências sobre os jogadores franceses recaíram em Vaast e Alposteg, encerrámos o inquérito junto de Travassos.

Passámos a **Barrosa**:

— Não deixámos de merecer o resultado. Este deve-se, em minha opinião, ao não cumprimento, por parte dos nossos jogadores, do plano previamente traçado. Se este se cumprisse, talvez a marcha do encontro e o seu desfecho houvessem sido outros.

Interrogado por nós quanto à possibilidade do seu inferior rendimento se dever à adaptação que houve de sofrer, a lugar diferente do seu habitual, Barrosa é claro na resposta que nos fornece:

— O bom jogador adapta-se a qualquer lugar, devendo cumprir sempre, onde quer que o situem. Se a minha actuação foi, de facto, inferior ao que de mim se esperava, não há que buscar nessa razão a justificação dessa inferioridade. Não cumpri... paciência! Para outra vez — se o meu concurso fôr reclamado — será!

Perdida a sua opinião sobre os jogadores franceses, Barrosa não tem preferências especiais.

— Gostei de todos, em geral. Actuaram como um bloco, no cumprimento do que previamente lhes havia sido, decerto, incumbido.

Interrogámos a seguir, **Jesus Correia**:

— Há inteira justiça no resultado. Os franceses ganharam por que, realmente, jogaram mais do que nós. Deles, gostei mais de Vaast, Ben Berek e Da Rui. Foi boa a arbitragem.

Perguntamos-lhe a que atribuir a nossa derrota. O popular jogador, «doublé» de internacional, afirma-nos:

— Não sei... Houve no nosso dispositivo tático qualquer coisa que falhou. Registe, pois, que normalmente não jogamos para que os franceses possam ganhar-nos pela diferença hoje verificada.

**Serafim**, que se sentava ao lado de Jesus Correia, e o escutáramos, pede-nos — em resposta às nossas perguntas — que registemos como



FELICIANO

sua a opinião do seu colega de equipa. E acrescentou:

— Perdemos, porque não jogámos para ganhar, eis tudo.

Chegára a vez duma das «torres», o popularíssimo **Feliciano**, depor neste inquérito-relâmpago.

— Não há que nos queixarmos do resultado, que foi justíssimo, pelo que jogámos e eles jogaram. Quanto a mim, posso dizer-lhe que a minha modesta actuação pode filiar-se no estado físico de inferioridade em que comeci a jogar, desde o momento em que fui atacado por uma cólica que bastante me indispôs e obrigou o nosso dedicado Manuel Marques a levar todo o intervalo «de volta» de mim, prestando-me assistência.

«Apesar de tudo, entretanto, estou convencido de que a fisionomia do jogo poderia ter sido modificada se fôssemos nós a desempatar o 2-2.

E terminou as suas palavras, dizendo-nos: — gostei de todos os franceses, mas agradaram-me especialmente, Ben Berek, Vaast, Barrate e Gregoire.

Restam-nos, nesta peregrinação de lugar em lugar, ouvir **Albano** e **Araujo**, dos efectivos da equipa. Anotemos o que nos disse o irrequieto extremo esquerdo leonino:

— O resultado adapta-se, pela justiça, no que foi o encontro. Os franceses têm melhor preparação do que nós. Deles, agradou-me o trabalho de Vaast, Ben Berek e Alposteg. Dos nossos, gostei de ver actuar Azevedo, Moreira e Travassos. O árbitro proporcionou-nos bom trabalho.

E agora, Araujo, interior «portista»:

— Perdemos bem, não haja dúvida. Os franceses foram-nos superiores.

— O que atribuir a nossa derrota?

— A evidente superioridade do adversário, sobretudo em velocidade e marcação.

— A arbitragem? ...

— Boa.

E Araujo terminou por nos dizer:

— Anote lá que não faltei, mais uma vez, ao que prometi, marcando um golo, e com o pé esquerdo...

(Continua na página seguinte)

O Portugal-França disputado no nosso grandioso Estádio Nacional justificava uma estatística dos factos mais importantes do desafio.

Dispuzémo-nos a esse trabalho, desejosos de fornecer aos nossos leitores algumas referências para as discussões e comentários que se seguirão — disse estamos certos — nos dias mais próximos.

A quantidade de defesas executadas pelo guarda-redes de cada equipa devia reflectir, como de nenhum outro modo, a eficiência da formação avançada de cada equipa, assim como os «cantos» por cada defesa, traduzem ou deviam traduzir os momentos de apuro em que mesmas defesas de viram.

O número de remates dirigidos à baliza por cada avançada dirá qual tem maior ergodo pela rede, assim como o número de vezes que a bola safu pela linha de cabeceira indicará de que lado houve menos certeza de pontaria.

# Os "números" do PORTUGAL-FRANÇA

Vejamos os números:  
Bolas deitadas pelos franceses pela linha lateral 29; pelos portugueses 22, sendo, respectivamente, à primeira parte, 17 e 11.  
«Cantos» contra Portugal 3, contra a França 5. Na primeira parte, os portugueses provocaram 1 e os franceses 2.

«Livres» contra a França 18; contra Portugal 12, sendo contra os «gauleses» 9 no primeiro tempo e 3 contra os portugueses.

Bolas saídas pela cabeceira de Portugal 18; pela cabeceira de França 13.

Defesas de Azevedo 24, sendo 9 bolas passadas pelos «backs». Defesas de Da Rui 29, sendo 9 bolas passadas também pelos defesas.

Pontapés de saída: Portugal 31; França 32.

Os jogadores da selecção da França que maior número de vezes remataram foram Vaast e Baratte, e pela banda dos portugueses, Peyroteo e Araújo.

Servirão estes elementos de al-

guma coisa para a história do encontro?

Pois, atente o leitor, no resumo dado estatístico, e poderá em seguida fazer com mais verdade os seus vaticínios.

M. F.

## Depois do Portugal-França

(Continuação da pág. anterior)

Anotámos, de facto, e fechámos o inquérito, quanto aos efectivos, porque nos pareceu interessante, também, ouvir dois suplentes. Colocados na situação de «espectadores», talvez tivessem comentários oportunos a fazer. Escolhemos ao acaso, e a vista recaiu-nos sobre BARRIGANA e FRANCISCO FERREIRA. Disse-nos o primeiro:

— «Os franceses jogaram realmente mais do que os nossos, mas só hoje, pois normalmente jogamos tanto como eles. O resultado, por isso, aceita-se como justo.

E foi a «vez» de Francisco Ferreira, o popularíssimo Chico:

— O resultado foi justo. Os franceses, normalmente, não nos são superiores, mas desta vez foram-no, e ganharam bem.

E acrescentou:

— Já agora, anote lá: sofri um desgosto enormíssimo por não ter alinhado. Nenhum dos efectivos estava em melhor forma física do que eu, pelo que posso afirmar que se tivesse jogado o faria com toda a «genica», até que mais não fôsse para provar que não estou na forma física deficiente em que acharam conveniente dizer que eu estava.

Averbados estes desabaços, qui-semos também, já que ouvimos os pupilos, arquivar as opiniões dos mentores.

Abeirámo-nos de **Martinho de Oliveira**, que amavelmente nos diz para escrevermos:

Foi realmente justo o resultado.

Os nossos jogadores tudo fizera m dentro das possibilidades reduzi-das que teem, podendo dizer-se que cumpriram. Causas da derrota? A superior preparação dos nossos adversários, que contam com um «triufo» de que nós não dispomos, incompreensivelmente: a profissionalização; além de que temos um reduzidíssimo campo de recrutamento e preparação de jogadores, ao contrário da França, que dispõe de enormes possibilidades territoriais, que se reflectem na possibilidade de recrutamento de jogadores.

Ao lado de **Martinho de Oliveira**, o **Dr. Virgílio Paula** peden-os que acrescentemos:

— «E casa onde não há pão... todos ralham e ninguém tem razão». Sem matéria prima trabalhada e com escola feita, afigura-se-nos difícil a um Comité de Selecção escolher um bom grupo de futebol. A França tem um escol de jogadores notáveis porque vivem nesse sentido. Tem, portanto, uma preparação eficiente. Portugal atravessa uma crise de bons jogadores, que esperamos ver de-belada dentro de 1 a 2 anos.

E a fechar: — «Ganhou a melhor equipa, a que técnica e taticamente se apresentou superior à outra, eis tudo.

Já a retirarmo-nos, é ainda **Martinho de Oliveira** que nos diz:

— A época, porque ainda está em princípio, não nos deu oportunidade para melhor trabalho. Confiemos em que o próximo Espanha-Portugal traduza com mais fidelidade um trabalho de preparação, cifrado num melhor resultado para a nossa equipa».

### A grande Selecção do CINEMA NACIONAL



TRIUNFA BRILHANTEMENTE na comédia de TOBIS PORTUGUESA

# O LEÃO DA ESTRELA

em exhibição no

## SÃO LUIZ

**ARCADIA** O DANCING N.º 1 DA CAPITAL Todas as noites o melhor programa de variedades

**HERMANAS APARICIO—CARMELITA del RIO**

Mary-Meli, Atlântido, Nita-Auel, Mabel Valencia, Itamar, Pepita Gimenez

e o famoso estilista argentino **JORGE CARDOSO** com **CHOVA** e sus **MUCHACHOS**

ORQUESTRA ARCADIA com a vocalista **Mary Valle**

E o extraordinário interprete da canção argentina **GONÇALO AMOR**

Abertura às 22 horas. — 1.ª parte de Variedades às 24 e 15

Amanhã, Estreia da Super-atração de baile mundano e acrobático

**DESMERS ET LISA** e da bailarina **MARUJA HERRERO**

Os franceses sabem empregar o corpo, Azevedo foi carregado algumas vezes, legalmente, de forma a que não estava habituado nas provas portuguesas...



Jesus Correia tenta esgueirar-se! Mas dificilmente consegue. Veja-se o círculo de fogo em sua volta...



Quatro avançados portugueses disputam a bola, em luta contra um francês!

# PORTUGAL, 2-FRANÇA, 4

Reportagem fotográfica de Amadeu Ferrari, Nunes de Almeida, Salazar Diniz e Manuel Morais



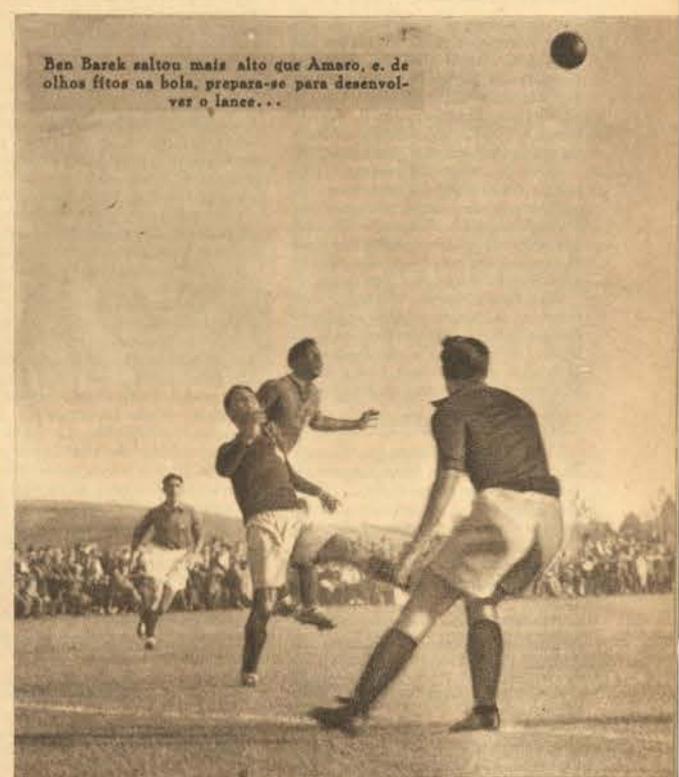
Da Rui consegue captar a bola! Jesus Correia sorri, mas o guardaredes francês não acha graça nenhuma à situação...



Peyroteo conduz a bola em bom estilo, perseguido tenazmente por um adversário



Travasso disputa energicamente a bola. Ao longe, Albano aguarda!



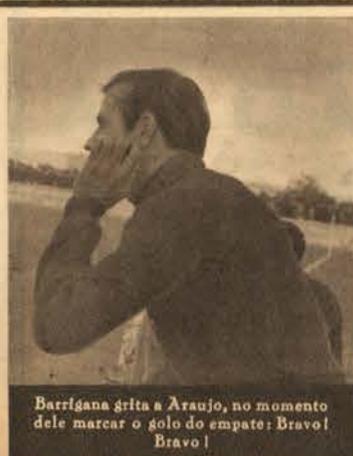
Ben Barek saltou mais alto que Amaro, e de olhos fitos na bola, prepara-se para desenvolver o lance...



A equipa nacional entra em campo. Barrosa segue à frente, com a bola agarrada



A troca de galhardetes entre Peyroteo e Helsserer. O árbitro Wartburg parece interessado...



Barrigana grita a Araujo, no momento dele marcar o golo do empate: Bravo! Bravo!



O suíço Warthurg, tendo ao lado árbitro francês Fdez e o português Domingos Miranda



O árbitro vê quem ganha o Sortelo. Pelo sim pelo não, os capitães fiscalizam...



Peyroteo, tendo sofrido um golpe na cabeça, volta ao campo devidamente tratado!



O dedicado maçagista Manuel Marques não larga Azevedo. Trata-o carinhosamente, e é-lhe muito útil!



A equipa francesa entra em campo, conduzindo o guardaredes Da Rui a bola

# na capital do NORTE

## MOSAICOS nortenhos...

### NOVE JOGADORES SELECIONADOS

Para o jogo Portugal-França foram seleccionados 4 jogadores do F. C. do Porto: Araújo, Alfredo, Barrigana e Carvalho; para o misto da Federação: Vitor Guilhar, Gastão e António Ferreira, do F. C. do Porto, e Serafim e Armando, do Boavista. Mas alguns não compareceram.

Vê-se que o futebol portuense tem subido em categoria. Embora se diga que outros elementos poderiam ser chamados, como Fernando Caiado, por exemplo, já internacional e bom praticante, não pode esquecer-se esta contribuição do futebol portuense.

Que isto sirva de estímulo. Que todos os jogadores e todos os clubes da cidade possam categorizar-se mais ainda, trabalhando com dedicação. O futebol ganhará com isso e todos nós que o admiramos e aplaudimos.

### CORREIA DIAS, TREINA...

Também se desmentiu que Correia Dias haja treinado. Nós, entretanto, desmentimos o desmentido... Correia Dias já foi submetido a várias sessões de treino, sob as ordens de Eladio Vascheto, e o pesado jogador ovariense mostra-se interessado em aparecer perante o público portuense.

Isto acontecerá, segundo se diz, no próximo domingo, contra o Boavista. A linha avançada provável do F. C. do Porto deve ser a seguinte: Lourenço, Araújo, Correia Dias, Veríssimo e Ferreira.

Ainda se falou em Gomes da Costa. Pena é, na verdade, que este elemento não se importe com o futebol, para o qual tinha imensa habilidade. Com os defesas e meias defesas que o Porto possui — Gomes da Costa e Araújo como interiores seriam um caso sério...

### ELADIO VASCHETO

De acordo com as nossas informações, o técnico argentino Eladio Vascheto ficará no F. C. do Porto, ao contrário de algumas notícias vindas a público. Eladio Vascheto foi a Vigo, acompanhado por Elói Silva, activo director do F. C. do Porto, a fim de se cumprirem determinadas formalidades.

O treinador do F. C. do Porto, correctíssimo, educado, conhece as suas obrigações. Não é atrevido, nem fantasista, e deve fazer carreira.

E já regressou ao Porto, definitivamente.

## Estranhas resoluções

**A**s verdades devem dizer-se. E nesta altura, efectuado já o encontro internacional Portugal-França, não custa falar com alguma franqueza, porque nem dos seleccionados nem dos seus adeptos, conhecido o resultado, fará mal conversar «à moda do Porto».

Surpreendeu por cá o facto de Araújo ter sido indicado «a última hora», para o «team» nacional. Como surpreendeu, evidentemente, que Alfredo fosse substituído por Barrosa... No primeiro caso, embora o Porto conheça suficientemente o valor de Araújo, julgava-se que o rapaz fosse afiado por qualquer motivo «especial». Os seus treinos eram irregulares; as suas presenças no grupo eram balidas pela de outro elemento; e até certo abandono, após treino no Estádio Nacional, contra o seu próprio clube — poderiam ter influido...

O público do Porto lamentava o caso — mas começava a habituar-se à ideia de Araújo ser afastado de um lugar onde nunca jogou mal, onde marcou indiscutivelmente. Araújo não merecia a exclusão — mas como os técnicos «mandavam»...

Porém, quanto a Alfredo, a desilusão foi total! Porque não havia de ser indicado um defesa direito de verdade, pujante, físico à prova de fogo, rapaz que poderia fazer carreira numa equipa necessitada de gente nova? Era

ou não altura de verificar até que ponto serviria o futebol português mais um elemento? Porque nos habituaram à ideia de ser Alfredo defesa direito, para depois amolecer o espírito do rapaz, colocado a suplente de um jogador que não alinha naquele posto, que tem estado lesionado a ponto de nem comparecer nos últimos jogos do seu clube?

Se no lugar aparecesse outro defesa «direito» como candidato, ainda não haveria motivo para reparos de maior. Porém, não se tendo chamado o outro adversário, a substituição produzida é de opereta!

Escrevemos antes do jogo, Oxalá tudo tenha dado «para bem»: Somos portugueses e queremos a vitória de Portugal. Não se pense que desejamos mal a Barrosa. Nem a Vasques. Mas no posto de interior direito não havia problema a resolver! Vasques é bom e Araújo também, com ideias favoráveis ao portuense, por ser mais remalador. Como defesa «direito», porém, entre Alfredo e Barrosa não há confronto. Como não havia necessidade, naturalmente, de estabelecer complicações...

Se nos dissessem que entre Alfredo e Vasco seria necessário pensar — estaríamos de acordo. Mas entre um defesa «direito» autêntico e uma adaptação estranha — Santo Deus... Igual a isto, só a indicação de P. grotoso para o lugar de chefe da equipa!

## O progresso do Boavista

**D**EPOIS do campo da Constituição — o campo do Bessa, a outra «reliquia», transforma-se num terreno moderno... O Boavista Futebol Clube, sabedor das responsabilidades presentes, trabalha efadidamente para melhorar as suas instalações, já que a equipa de honra promete boa época.

Isto agrada muitíssimo aos desportistas portuenses, pertencem a este ou àquele clube. O Boavista tem-se esforçado através dos tempos, e a expansão das várias modelidades mereceu-lhe sempre o melhor carinho. Deste modo, o público segue dedicadamente a obra do Boavista, e esta sua decisão de transformar o campo do Bessa, melhorando os lugares que são destinados aos amadores do futebol, mereceu já os mais justos elogios.

Teremos portanto mais um velho campo vestido de novo. O Boavista F. C., forçosamente e por direito próprio o rival do F. C. do Porto, receberá no próximo domingo os homenagens do público a quem não passa despercebido o esforço das suas meias briosas colectivas. Tal como o F. C. P., o Boavista deixa de utilizar o Campo do Lima, que passa a um plano secundário, tanto mais que o novo Estádio das Antas deverá ser muito em breve uma realidade.

Aplauda-se o Boavista F. C. e felicitem-se os seus associados. Que eles acompanhem igualmente os destinos da sua colectividade.

○ ténis de mesa, na cidade do Porto, não tem progredido. Vê-se que o que em patins, graças à bela actividade do I. fante de Sagres e do Académico, segue em linha ascendente; que o voleibol, agora chamado ao campeonato nacional, por intermédio do Leixões e do F. C. do Porto, também se afirma; que noutras modalidades, não perde o Porto a sua categoria. Mas quanto a ténis de mesa — parou-se.

Há uns anos, por agridos que determinados elementos provocaram, o F. C. P. deixou de praticar o ténis de mesa. Mas não há, afinal, maneira de resolver este delicado problema?

Dizem-nos que o popular clube desta cidade vai expor o seu caso à D. G. dos Desportos, não o podendo fazer directamente à Federação, por não se encontrar filiado. De qualquer dos modos, o ténis de mesa na cidade do Porto precisa de expandir-se e de seguir rumo certo, pois conta público fi-el, o mais dedicado que é possível.

O ténis de mesa não custa a praticar. O que precisa é de boas dedicações e também de dirigentes compreensivos e desportistas.

## Curiosidades...

No Porto não ficou sem comentário a indicação de certos jogadores para o grupo nacional. Principalmente uma adaptação incompreensível.

◆ O jogo que o calendário indica para domingo próximo, nesta cidade, está a ser aguardado com entusiasmo. Talvez seja batido o recorde financeiro de todos os tempos — quanto a grupos do Porto...

◆ Lamenta-se que no campo do Bessa não possa proceder-se ao alargamento das entradas. Aquele corredor do campo para a Avenida da Boavista é pouco próprio.

◆ Seja como for, mesmo a despeito de opiniões arrojadas que se vão ouvindo, o encontro Boavista-Porto deverá decorrer em ambiente correcto e desportivo.

◆ Causou certa impressão nesta cidade a maneira como a própria Imprensa local apreciou a chamada de alguns elementos do F. C. do Porto. Que isto se fizesse nos jornais da capital, era admissível...

## Falando do desafio, DA RUI

guarda-redes insubstituível da  
equipa francesa, achou o pú-  
blico um tanto frio perante  
o triunfo dos adversários

(Especial para o STADIUM)

Da Rui é tido como um dos mais seguros guardaredeiros da Europa, verdadeira muralha, sucessor do famoso Charigüés na equipa da França e do inimitável Zamora como estrela máxima entre os keepers continentais.

De nós, portugueses, temos fortes dúvidas quanto à última destas posições de soberania e preferimos a decisão e a valentia de Azevedo às suas contorsões de consumado ginasta, não podemos deixar de reconhecer em Da Rui uma personalidade muito forte e impressionante, dentro dos postes.

Da Rui, como Ben Barek, conquistou o público lisboeta desde a primeira hora, há dois anos. Por seu turno, ele mesmo sentiu particular simpatia pela gente portuguesa, cujo feito se quadra bem com o seu temperamento pessoal.

Foi-nos fácil, por conseguinte, abordá-lo, mas constituiu tarefa menos acessível extrair-lhe algumas palavras diferentes da linguagem convencional e protocolar, própria destas circunstâncias.

Depois de muito instado, Da Rui aceitou a pronunciar-se sobre o jogo de domingo e fez-lo nos termos seguintes:

«A vitória da turma francesa encheu-me de júbilo e foi muito justa. Em 1946, mostrámos ser bons executantes mas a sorte desprotegeu-nos; hoje, sem nos auxiliar, também não nos prejudicou.

«A ala esquerda da linha atacante portuguesa — Travassos e Albano — esteve à altura das circunstâncias, acima do restante conjunto; Peyroteo não está em boa forma e Feliciano mostrou-se um pouco pesado.

«Verifiquei que os portugueses actuam com desembaraço até à zona perigosa mas, em seguida, perdem-se e não sabem como prosseguir o ataque.

«O domínio da situação esfuma-se. Julgo que precisam de um bom preparador técnico, para resolver esta e outras dificuldades.

«A bola de Araujo veio chutada com muita força e colocação. Enganou-me. Quando lhe toquei adquiriu efeito e não pude segurá-la.

«Quanto ao resultado do desafio, penso que o último quarto de hora pesou decisivamente no marcador. Os portugueses estavam esgotados, em consequência da certa marcação que sofreram.

«O público e a arbitragem estiveram bem, mas os jogadores franceses tiveram poucos aplausos pelo seu mérito.

«É isto, com franquesa o que penso acerca do desafio desta tarde.»

## Ecos do Portugal-França

### As opiniões dos Jogadores, antes e depois do desafio, traduziu uma forte convicção nos progressos do futebol francês

Os jogadores franceses, antes de principiar o desafio, sentiam-se confiados e bem dispostos. O seleccionador, BARREAU, quando o abordámos na cabine, não pôde esconder a sua crença, aliás bem visível, de que a vitória da equipa tricolor era uma certeza moral e até uma necessidade.

O capitão do grupo, HEISSERER, por sua vez, foi mais longe, assegurando um triunfo nítido: «Ganharemos por 3-1 ou 4-2», disse-nos ele. «De qualquer maneira, a vitória será nossa...».

BEN BAREK, o Diamante Negro, é mais fraco em comentários, salientando as dificuldades que sempre encontrou em bater a muralha defensiva dos lusitanos: «Para mim, o resultado vale menos que a qualidade do nosso futebol; o primeiro depende um pouco da sorte ao passo que a outra revela o seu mérito.

VAAST é demasiado explícito e afirma: «A vitória não pode escapar-nos...».

Da RUI, ao ser abordado, suspira fundo antes de nos contestar: «Penso numa vitória da equipa francesa mas tenho as minhas apreensões, visto que conheço o mérito de vocês...».

De uma maneira geral, o estado de espírito dos componentes da turma gauleza bem como o dos dirigentes que a acompanhavam revelava muita confiança.

### NO INTERVALO

No intervalo fomos surpreendidos, todavia, pelo estado de nervosismo de quase todos os jogadores franceses. Entrámos, subitamente, no vestiário e fomos cair num ambiente pouco animador.

Gabriel Hanot, distinto jornalista e conselheiro técnico, estava em conciliábulo com os seus pupilos. Não só foi impossível obter quaisquer esclarecimentos como a nossa presença se tornaria inoportuna. Por tal motivo, não quisemos insistir.

### A OPINIÃO DOS FRANCESES DEPOIS DA VITÓRIA

Depois do desafio, as expressões fisionómicas dos players da equipa vencedora eram risonhas e traduziam uma evidente satisfação:

GREGOIRE, o primeiro a ser abordado, apressou-se a sublinhar a justiça do triunfo francês. Quanto aos portugueses achou-os batalhadores, mas não pôde assinalar nenhum, exceptuando Peyroteo: «É duro nas entradas e muito demorado no remate», concluiu o médio-centro.

VAAST, ponta-esquerda e marcador dos 3 tentos primeiros, foi mais exuberante:

«Conforme lhe assegurei, venceu a equipa de França. Julgo que sem nenhuma espécie de favor, pois o resultado podia ser ainda mais ex-

pressivo. Dos portugueses agradou-me em absoluto o interior esquerdo, Travassos, é um ótimo elemento e talvez o melhor da turma portuguesa...».

ALPSTEG, ponta direita, vibra de contentamento, pelo mesmo diapasão do colega:

«Seria uma injustiça não reconhecer que venceu o team melhor, aquele que mais produziu no terreno. O resultado traduz a margem do



BEN BAREK

nosso triunfo. Dos portugueses só se distinguiu a ala esquerda, muito combativa e penetrante...».

HEISSERER, interior direito, também se mostrou radiante com o resultado:

«Eu já o sentia antes do match e bem lhe comuniquei que venceríamos por uma diferença importante. O desafio agradou-me mas a vantagem de golos não corresponde à realidade. Cinco a dois é que estava certo...».

«Dos portugueses, Travassos brilhou acima dos demais, sem favoritismo, e Albano acompanhou-o de perto.»

HON, médio-direito, declarou-nos que dos jogadores portugueses salientava Feliciano, acima dos demais, e a ala esquerda lusitana, muito combativa. Tanto o jogo como o resultado estavam bem...».

PROUFF, limitou-se a secundar o seu colega.

GRILLON, defesa-direito, vota as suas preferências por Albano. Le Petit:

«Foi um condensador de energia em plena descarga. Quanto ao desafio, gostei, mas a vitória soube-me ainda melhor...».

MARCHE, defesa-esquerdo, limitou-se a repetir a opinião dos seus colegas, quanto à justiça do resultado, sem distinguir particularmente

## O que nos disse BEN BAREK

malabarista marroquino,  
autor da quarta bola  
do «team» da França

(Especial para STADIUM)

Ben Barek é uma creatura simples, despida de qualquer cabotismo, insensível à catadupa de elogios que lhe têm chovido em cima. Excelente camarada, louva os atributos dos colegas da equipa sem nomear os seus defeitos, e faz tudo isso de um modo tão natural e sincero que contrasta com o que habitualmente se vê.

É inteligente, dentro e fora do campo. Os seus actos têm o quê de infantil mas Barek, rondando já os trinta anos, é suficientemente sagaz em negócios para saber o preço do seu valor desmentindo essa infantilidade. Deixou Casablanca, e Marrocos, em 1944, para ingressar no Stade Français, porque tem família e quer garantir-lhe o futuro.

Sempre atencioso para os jornalistas, paciente e desprendido nas suas opiniões, aceitou a brindar os leitores da nossa revista com algumas palavras cheias de franquesa, acerca da vitória da equipa de França e do comportamento dos seus adversários. Talvez por escrúpulo, não se alongou demasiado, mas a síntese que nos fez é o reflexo exacto dos seus sentimentos:

«Quero, antes de mais nada, agradecer ao público português por intermédio da STADIUM a estima particular que nutre por mim. Considero-a, todavia, imerecida, relativamente aos meus camaradas, é claro, pois eu sem eles pouco valho.

Em seguida, vou dizer o que penso sobre o desafio de hoje. Julgo que o «match» foi muito bem disputado e creio o resultado perfeitamente justo, refletindo exactamente o andamento do jogo. Os portugueses, de uma maneira geral, actuaram em grande velocidade, desconcertante mesmo, mas isso dificultou-lhes a boa organização de esquemas de jogo. Achei o team de agora menos difícil que o de 1946 mas Travassos e Albano, sobretudo o primeiro, foram uma revelação para mim.

Peyroteo é ainda um jogador muito eficiente, fornecendo excelentes oportunidades aos «interiores» mas a sua forma baixou.

O guarda-redes português é na verdade bom jogador. O meu golo, nas condições em que se produziu não tinha defesa, ou sê-lo-ia milagrosa.

Creia que tentei bate-lo várias vezes e depois de o conseguir, a minha satisfação foi bem grande.

O árbitro dirigiu o encontro com bastante acerto e satisfize-me. O público pareceu-me algo desanimado e desiludido com a derrota dos seus representantes.

Para terminar, afirmo-lhe que voltarei sempre a Lisboa com grande entusiasmo e contentamento.

(Continua na pág. 18)

# COMPANHIA INDUSTRIAL de PRODUTOS ANTUÁ

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada



S O L A S



C A L F E S



A T A N A D O S



S E L E I R O



C A P I C U A S

S O L A S



C A L F E S



A T A N A D O S



S E L E I R O



C A P I C U A S

*Agências em Lisboa e S. João da Madeira*

## ESTARREJA

TELEGRAMA-ANTUÁ-ESTARREJA

TELEFONE 50

# Comentários

## Um Hercules anão

Disputaram-se há um mez, em Nova Iorque, os campeonatos mundiais de atletica; na ausência dos levantadores de pesos egípcios, os americanos alcançaram triunfo absoluto. Vencedores em todas as categorias, foi porém o seu representante nos levíssimos quem mais surpreendeu técnicos e concorrentes.

Joe di Pietro conseguiu no decurso da prova bater o recorde do mundo da sua categoria, no *advelonpés* com os dois braços, levantando a bagatela de 102,5 quilos; acrescentemos, para melhor compreensão do valor do feito, que o americano é um anão hercúleo, pois, com 32 anos de idade, mede 1,40 e pesa 55 quilos.

Antes de se consagrar ao levantamento de pesos, Di Pietro praticou o futebol americano e o baseball e foi por acaso que mudou de rumo às suas preferências desportivas.

Passando certo dia diante de um ginásio onde se treinavam atletas, sentiu a curiosidade de experimentar a sua força e os resultados foram tais que o treinador não o deixou partir sem a promessa de voltar. Nesse mesmo ano era campeão dos Estados Unidos.

A estatura anormal de Di Pietro, autêntico anão, levou certo jornal francês (é preciso citar que os atletas deste país foram largamente batidos), a perguntar a algumas personalidades conhecidas se era legítimo admiti-lo a competir com pessoas normais reconhecendo-se que a sua pouca allura traz vantagem evidente.

Em igualdade de qualidade muscular e por simples lei mecânica, respondeu o dr. Ruffier, um indivíduo atarracado benéfico, porque levanta a menos allura a massa de ferro. Mas o treinador Reiss declarou que esta vantagem era compensada pelas piores condições para os exercícios em tempo e que, portanto, nada justificava qualquer medida proibitiva, no mesmo molde da classificação dos pugilistas, na qual se olha ao peso, sem levar em conta o comprimento dos braços.

## Preparação olímpica

A Federação de Atletismo divulgou uma tabela de marcas, informando que haviam sido estabelecidas pelo seu conselho técnico para limite da selecção olímpica. Como ainda se não sabe se essas marcas foram superiormente sancionadas e porque algumas não parecem em relação com a categoria do fim em vista, devemos por enquanto acedê-las com certa reserva, considerando que a indicação de representantes a um certame olímpico só se justifica com a garantia aproximada de classificação honrosa.

Para simples incentivo, é preferível escolher outra competição internacional menos onerosa, podendo por conseguinte abranger maior número de beneficiários.

Mais interessante será conhecer quais os projectos de preparação intensiva especializada e se às federações serão concedidos os meios materiais necessários para fazer frente a esses encargos extraordinários.

A preparação olímpica é diversa da preparação habitual. Uma vez escolhidos os possíveis seleccionados, há que submetê-los a regime de treino intenso e rigoroso, para que sejam alcançados o ólimo da forma e a perfeição na técnica.

Discordamos daqueles pessimistas que declaram pura fantasia a hipótese de presença olímpica com possibilidade de resultados honrosos; acreditamos, ao invés, que nos é possível representação condigna em diversas modalidades, desde que se elimine a improvisação e se cuide a sério e sem perda de tempo



1 Mer.	Vérène
2 Jeu.	Juste
3 Ven.	Musset
4 Sam.	Rosalie
5 Dim.	Il. Lau.
6 Lun.	Magin
7 Mar.	Gratié
8 Mer.	Nativio
9 Jeu.	Gorzi
10 Ven.	Nicois
11 Sam.	Felix
12 Dim.	12. Val
13 Lun.	Aim
14 Mar.	Ex. s.
15 Mer.	Argul
16 Jeu.	Coré
17 Ven.	Lam
18 Sam.	Perce
19 Dim.	13. Je
20 Lun.	Eustac
21 Mar.	Malh
22 Mer.	Man
23 Jeu.	Li
24 Ven.	
25 Sam.	

**Breitling**  
APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA

da preparação dos candidatos. As próprias federações assim o entenderam, pois ao pedido de informação emanado da Direcção Geral dos Desportos, apenas três não responderam, o que quer dizer que só estas reconheceram não possuir categoria para tão alta responsabilidade.

## As melhores marcas portuguesas

Salto em altura. — 1<sup>m</sup>.88. G. Espírito Santo (Bf.). 25 8-40; 1<sup>m</sup>.85. Matos Fernandes (Bf.). 18 7-42; 1<sup>m</sup>.84. António P. Cardoso (Sp.). 28 7-46; 1<sup>m</sup>.835. Pedro Vasconcelos (Bf.) e 1<sup>m</sup>.833. A. Bastos Machado (B. C. Braga), ambos em 16 6-40; 1<sup>m</sup>.82. Pascoal de Almeida (C. Qu.). 8 8-15; 1<sup>m</sup>.80. Alberto Cunha (A.). em 11-8-40. João Dardês (Sp.). em 28 6-42 e Manuel Menezes (Bf.). em 7-9-47; 1<sup>m</sup>.77. João Seródio Gomes (Cif.). 21-4-45.

Salto com vara. — 3<sup>m</sup>.70. Fernando Boaventura (Sp.). 10 8-40; 3<sup>m</sup>.60. Martins Vieira (Bf.). 21-8-38; 3<sup>m</sup>.55. João Montalvão Fernandes (E. V.). 15-9-45; 3<sup>m</sup>.53,

Santos Vieira (Bf.). 22-3-45; 3<sup>m</sup>.51. António Santos (Bf.). 10-9-44; 3<sup>m</sup>.435. Joaquim Barriga (G. D. F. Lourenço Marques), 15 1-38; 3<sup>m</sup>.40. Mário Saraiva (Gaia), 14 6-33; 3<sup>m</sup>.36. Cardeal da Fonseca (Bf.), 24 8-41; 3<sup>m</sup>.35. Manuel Oliveira (Sport C. Porto). 9-8-31 e Mário Lemos (Bf.). 11-8-46.

Salto em comprimento. — 7<sup>m</sup>.34. Alvaro Pires Dias (Sp.). 6 9-47; 7<sup>m</sup>.075. Edgard Tamegão (Ac.). 8-9-45; 6<sup>m</sup>.89. G. Espírito Santo (Bf.). 10-7-38; 6<sup>m</sup>.85. António Marques (A.). 19-7-42; 6<sup>m</sup>.83. Manuel Oliveira (Sp.). 30-7-38; 6<sup>m</sup>.80. José Carvalho (So.). 23 9-45; 6<sup>m</sup>.74. Luis Alcide (Bf.). 27 7-47; 6<sup>m</sup>.735. Aguiar da Câmara (Bel). 15-6-47; 6<sup>m</sup>.675. António Romão (Sp.). 9-7-39.

Tripla Salto. — 14<sup>m</sup>.70. João Viera (Sp.). 7-9-47; 14<sup>m</sup>.52. Luis Alcide (Bf.). 24 8-47; 14<sup>m</sup>.015. G. Espírito Santo (Bf.). 17 7-38; 13<sup>m</sup>.50. Eduardo Matos (Bf.). 24-8-47; 13<sup>m</sup>.435. Carlos Oliveira (Braga). 14-7-46; 13<sup>m</sup>.43. Acácio Mesquita (F. C. P.). 1-7-28; 13<sup>m</sup>.41. Guilherme Vasconcelos (Cif.). 14 7-35; 13<sup>m</sup>.33. Homero Reis (Bf.). 20 6-45; 13<sup>m</sup>.32. Renato Espírito Santo (Bf.). 20-7-41; 13<sup>m</sup>.25. Alberto Lima Marques (Ac.). 18-7-37.

# O Sonho do Lisboaeta...

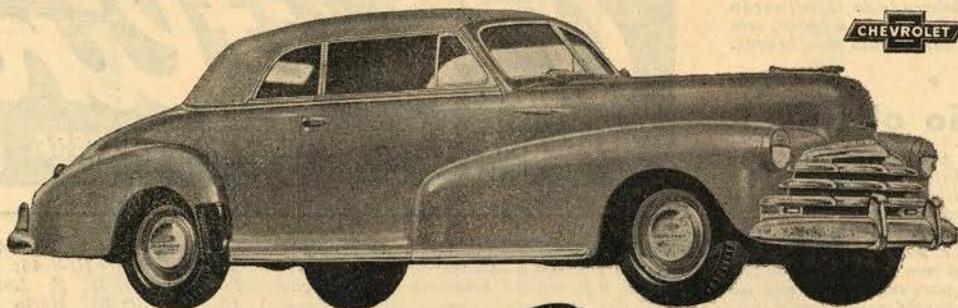


... Acredita que a casinha nos arredores é, realmente, o ideal. Com uma renda mais barata, estou independente, tenho jardim para os pequenos, vida mais saudável...

— Sob esse aspecto tens razão, mas as dificuldades de transporte são tremendas!

— Faz como eu: compra um carro. Inscreve-te na SOREL porque estão a chegar «Chevrolets». Recomendando-te a marca por experiência própria. É o carro prático, resistente, de pouco consumo, de preço

acessível, mas que tem, afinal, o conforto, a linha, e as qualidades mecânicas que só se encontram em automóveis muito caros e no Chevrolet.



## PODE SER UMA Realidade!

EXPOSIÇÃO E VENDA

# SOREL

L I M I T A D A

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-E, 23-F

TEL. 4 1112



TEL. 6 2755



O Misto da Federação organizado pelo Comité de Selecção que foi vencido pela Selecção de Braga por 3-0



A Selecção de Braga que bateu o Misto da Federação



Uma defesa apertada, por alto, de Rogério

# A ASSOCIAÇÃO de FUTEBOL de BRAGA em FESTA!



Um ataque dos bragarense é evitado por Rogério

UMA selecção que teve por base o Estoril Praia jogou no domingo na Cidade dos arcebispos contra a equipa representativa do Minho, composta por jogadores do Sporting de Braga, Famalicão e Vitória de Guimarães. Comemoravam-se as «bodas de prata» de A. F. B., e a Federação Portuguesa não quis deixar de assistir à «festa», embora tivesse muitas dificuldades no arranjo da equipa, pois pediram dispensa, por motivos diversos, muitos jogadores indicados a princípio.

Ouvimos falar, por exemplo, em Bentes, Caninhas, Vitor Guilhar, Gastão, Cabrita, Ferreira, Espírito Santo, Vasco, Patolino, Calado e muitos mais — mas tudo veio a fixar-se no seguinte grupo:

Rogério (Benf.), Pereira, Alberto, Oliveira Vieira e Elói (Estoril) e Serafim (Boavista); Lourenço (Estoril), Arsénio, (Benfica), Mota (Estoril), Rogério (Atlético) e Raul Silva (Estoril).

Pelo Minho alinharam: Machado (Guimarães), Palmeiro (Braga) e Costa (Guimarães); A. Marques (Braga), Curado (Guimarães) e Daniel (Braga); Franklin (Guimarães), Pires e Alvaro Pereira (Famalicão), Teixeira e Alcino (Guimarães).

No primeiro tempo deste desafio não se marcaram pontos. O jogo não agradou, pois qualquer dos grupos demonstrou falta de ligação, especialmente o Misto federativo, sem preparação e conjunto.

Nos últimos 45 minutos os minhotos jogaram bastante mais e obtiveram os seus 3 tentos: — aos 4 minutos por Pires, aos 15 por Alvaro Pereira e aos 30 pelo mesmo jogador. Os erros da defesa «federativa» tiveram certo vulto, em qualquer dos pontos obtidos.

Enfim: — uma jornada que não servia para dar indicações. Nem elas se provocavam, evidentemente...

O jogo foi dirigido pelo árbitro portuense Vieira da Costa.



José Trigo, secretário permanente da Federação, e o presidente da A. F. de Braga na cerimónia da troca de galhardetes



Joe Louis (à direita) e Joe Walcott, os próximos rivais que combatem no dia 5 de Dezembro para o título mundial de boxe, apertam sorridentemente as mãos. Atrás, com expressão de alegria está o Coronel Eagan, Presidente da Comissão de Boxe de Nova York

(Continuação da pág. 13)

qualquer dos portugueses. Achou-os agueritados e perigosos, como sempre.

PASCUAL, SEGUNDO, suplente da equipa de França, desce em linha recta de espanhóis. É um elemento de valor, actuando no F. C. Strasbourg, cidade onde reside e onde recentemente se consorciou. Tanto pelo sangue como por temperamento sente o jogo e os factos à maneira peninsular, isto é, menos artificialmente, e com mais franqueza.

Discípulo do grande treinador e ex-jogador Veinante, agora em Bruxelas atribui ao trabalho magistral daquele treinador a classificação do seu clube, que ficou em 2.º lugar no Campeonato da liga e foi finalista da Taça.

Quisemos ouvi-lo para os nossos leitores e eis a opinião que nos forneceu:

«Em boa verdade, o jogo dos portugueses produziu-me decepção. Esperava melhor. Penso que, ou o futebol em Portugal decaiu ou estava hoje num dos seus dias piores. O resultado é justo; devia ser, mesmo, maior e 5-2 seria tradução mais fiel. Penso que o árbitro se equivocou não validando o 3.º tento regularíssimo.

«Admirei nos lusitanos o seu espírito batalhador mas surpreende-me a ineficácia de certos componentes. Tacticamente não marcaram

os adversários e tirante o interior esquerdo, mais o extremo da mesma ala, viu-se pouca qualidade individual».

O jornalista De RVSWICK, encarregado da rubrica Football, no quotidiano francês L'EQUIPE, fez-nos as seguintes confidências:

«A vitória da equipa nacional francesa é a confirmação do aturado esforço que se tem produzido em França, para elevar o grau de eficiência do nosso futebol.

«Este resultado podia e devia ser ainda mais expressivo, considerando um golo anulado sem motivo real.

«Quanto a mim, foi o jogo certo de marcação que anulou e desfez as tentativas dos portugueses. Apreciei-os agora mais do que em Paris, na época transacta.

«Sobre o espectáculo dir-lhe-ei que foi magnífico. Dia de sol, radioso e belo como poucos, num quadro maravilhoso que é o vosso Estádio Nacional, dificilmente esquecer! o que vi...»

Conforme fica bem demonstrado, pelas declarações antecedentes, a vitória do «onze» francês causou imensa alegria aos seus componentes e membros da comitiva. Todos a consideram um significativo triunfo e, possivelmente, o prelúdio de uma notável época de brilhantismo progressivo.

## no oquei em patins

AQUI está um género de desporto que parece não ter tréguas! O oquei em patins mantém-se com firmeza no seu pósto — sem desfalecimentos, nama actividade permanente, que é estímulo e excelente sintoma de vitalidade forte e duradoura. Sucedem-se as organizações; e o público, claro, corresponde do melhor maneira! De resto, a modalidade eria alicerce e tem, a par de categoria insolúvel, e plenamente confirmada, uma posição feita.

Vai disputar-se (não por sugestão nossa, embora tal alveitamos no último número, e os cielos de que isso seria benéfico ao desenvolvimento e propagação da modalidade) o primeiro campeonato de júniores. Este ano será em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, na noite de 1 de Dezembro — com um desafio só: entre o Benfica e o Campeão do Porto (que falta apurar). E para 1948 será no Porto. Quer dizer: um desafio só mas alternadamente.

Continuando, todavia, a perguntar: — Não seria possível fazer-se o Norte-Sul de Júniores? Há dias, em Lisboa, falando com Lopes Gonçalves, presidente da Associação nortenha, «tocámos no assunto», verificando com íntima satisfação o bom acolhimento da sugestão. Por que se espera? Um Norte-Sul de Júniores, tinha, certamente, ambiente favorável do público.

Integrada nas organizações do campeonato nacional em Lisboa, a F. P. Patinagem promoveu um torneio — de Outono — para disputa das taças com os nomes

dos presidentes daquele organismo e da A. P. Sul, respectivamente, cap. Santos Romão e José de Castilho. Concorreram quatro clubes: Académica da Amadora, Benfica Futebol Benfica e Sporting de Oeiras. Efectuaram-se já três jornadas — as necessárias para cumprimento da primeira fase de torneio — com os resultados seguintes: Futebol Benfica — Sporting de Oeiras, 4-3; Benfica — Académica da Amadora, 5-4; Académica — Sp. Oeiras, 4-3; Benfica — F. Benfica, 7-5; F. Benfica — Académica, 6-3; Benfica — Sp. Oeiras, 11-4 (am dos melhores resultados dos últimos anos). Classificação: Benfica — 9 pontos (3 vitórias) 25-13; Futebol Benfica — 7 pontos e 15-13; Académica da Amadora, 5 pontos e 11-14; Sporting de Oeiras, 3 pontos e 10-19. As duas próximas «rondas» correspondem aos desafios que o Infante de Segres fará, em Lisboa, para o Campeonato Nacional, e a última será integrada no programa do Campeonato de Portugal de Júniores.

O oquei em patins — modalidade trianfante — continua por bom caminho. E a actividade não pára! Como aliás, é de aconselhar — visto haver necessidade imperiosa de conservar a fama de campeões do Mando, que em 1948, em Montreux, têm um título a defender... Depois — uma novidade! — disputar-se-á no Pavilhão dos Desportos, parece que em Maio ou Junho do mesmo ano, a «Taça das Nações».

Jorge Monteiro

## Entrevista com DUARTE

(Continuação da pág. 5)

— Admiro todos, sobretudo os que são correctos e que vêm no adversário da luta desportiva um camarada que busca no desporto a perfeição física. Entretanto, pela maneira de jogarem, confesso a minha especial admiração por Albano, Quaresma e Amaro.

Aproxima-se o momento de encerrar a reportagem, para permitir que Duarte possa prosseguir no treino que viemos interromper. Scopelli, que acompanhara grande parte da conversa, desviara-se para prestar atenção aos pormenores de treino dos seus pupilos, acabado o «meio-fundo» que lhes ordenara. É o momento da derradeira pergunta:

— Segue algum método especial de treino?

— O que me é indicado pelo competente treinador do meu clube, Scopelli — a quem muito devo. Também — nada mais. A minha vida profissional, inteiramente dedicada ao trabalho de cada dia — porque «isto da bola» não é o que muitos julgam — não me deixa mais do que o indispensável para comparecer aos treinos, e quase sempre «a correr». Gostaria, realmente, de poder consagrar-me mais eficientemente à aprendizagem do muito que ainda me falta para ser aquilo que gostaria, e de que

o meu clube necessita: um jogador completo. Pode ser que chegue o tempo em que a satisfação desse meu desejo se torne um facto. Até lá... procurarei dentro das minhas possibilidades e do tempo de que posso dispor — fazer por justificar a honra de envergarem a camisola que foi orgulho de alguns dos maiores valores do futebol português.

Rosa de Matos

Ano V — II Série — N.º 260  
Lisboa, 26 de Novembro de 1947

**Stadium**

REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração  
RUA DA ROSA, 252-1.º  
LISBOA

Director e Editor:  
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:  
TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

**Stadium**

NOVAMENTE A

SORTE GRANDE

2743.... 600 contos

VENDIDA NA CASA

CAMPIÃO

LISBOA PORTO COIMBRA FARO

R. do Amparo, 116 P. da Liberdade, 25 Rua F. Borges, 80 Rua F. Gomes, 43

Onde se encontram à venda os

8.000 contos da grande  
Lotaria do Natal

aos preços de: bilhetes a 2.000\$00;  
vigéssimos a 100\$00 e CAUTELAS a 20\$00

# FUTEBOL

Em Inglaterra

As cores do Arsenal continuam a brilhar vitoriosamente, a cima de todas as outras, no campeonato da 1.ª Divisão da Liga Inglesa.

O mais notável consiste na perene invencibilidade daquele clube. O antigo reduto do sr. Chapman trianhou agora, pela quarta vez fora de casa, dominando o Blackburn pela mínima diferença.

Preston N. End, que o segue na cola, perde de igual maneira ante o Huddersfield, dando origem a que a vantagem pontual do leader crescesse para quatro pontos.

Barnley e Blackpool, respectivamente terceiro e quarto da classificação, seguem-no distanciados de seis pontos. O Barnley persiste em ganhar no terreno do adversário e agora conseguiu uma bela vitória sobre Everton (3-0); Blackpool, por seu turno, mantém as suas aspirações e dominao Sheffield U, por duas bolas a uma.

Durante o desfilio aconteceu um facto pouco banal. O Coronel William Parkinson, presidente da Direcção do Blackpool, no momento em que abandonava o camarote após o successo do seu grupo. Iteceu com uma síncope.

Os Wolves conseguiram, por fim, quebrar o engajo que os persegue desde 29 de Setembro.

Depois de tão longo período sem alcançar quaisquer êxitos bateram Portsmouth (3-1) num desfilio demasiado violento.

O Chelsea deu uma coça no Stoke City (4-1), elevando-se ao 10.º lugar, acima do Charlton, que perdeu estrondosamente (4-0) deante do Manchester City. Outro resultado de respeito foi a vitória do Sunderland sobre Liverpool por 5 tentos a 1.

Na 2.ª Divisão, o leader, West Bromwich Albion, cedeu precioso terreno perdendo contra Doncaster (2-1). Birmingham e Newcastle, imediatos seguidores, trianfarão fora de casa o primeiro por 2-0, contra Nottingham, e o último por 3-0 contra Bradford.

Na 3.ª Divisão, o facto mais importante consistia na estrela de Lawton — auspiciosa estrela — envogando a camisola do Notts County. Actuando contra o Northampton, em terreno do mesmo clube, ainda não tinham decorrido cinco minutos já o famoso artilheiro havia conseguido o primeiro tento. Um pontapé lançado pela ponta esquerda e aproveitado de cabeça, fulgurantemente, deixou o guarda redes gradado ao solo, a procurar entender o fenómeno.

Veremos o que acontece no próximo sábado em Nottingham, quando o team local enfrentar o Bristol Rovers. Espera-se uma assistência-recorde em Trent Bridge, para ver «o mágico do esférico», que custa dezassete mil libras.

Todavia, o hábito não faz o monge e Notts C. continua a ser um grupo heterogénio, inconsistente, longe da promoção que ambiciona.

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

## NOTA DA SEMANA

Há fenómenos que parece nada terem de comum entre si mas analisados cientificamente revelam uma correlação inesperada.

O matemático Whipple, por exemplo, verificou existir concomitância bem definida entre o número de telefones e os casos de febre tifóide de Nova York.

O conceito primitivo, relacionando as causas e os efeitos segundo uma lei, já era negado por David Hume, no século dezoito. Hoje, preferem-se a existência de um grau de probabilidade maior ou menor, entre dois acontecimentos, e como imagem julgamo-la menos comprometedora e mais prudente.

Estas divagações nasceram no bico da pena ao abordarmos a notícia de terem ingressado no Parlamento Britânico nada menos que cinco antigos jogadores de rugby do mesmo team: os Harlequins. Está para breve a conclusão das eleições de Gravesend e, quando tal suceda, é quase seguro que o candidato eleito venha ser outro player antigo do referido clube!

Aqui ficam registados, não para posteridade, porque estas breves notas além de pobres são efémeras, mas para a curiosidade do leitor, os nomes dos cinco «Pais da Pátria»:

J. J. Pitman, conservador eleito por Bath; Frank Medlicott, liberal, por East Norfolk; J. P. Mallalieu, socialista, por Huddersfield; Ricardo Stokes, socialista, por Ipswich, e Sir Wabell Wakefield.

Este último era, nem mais nem menos, o próprio capitão do grupo a que todos simultaneamente pertenceram em 1920.

O candidato de Gravesend, Frank Taylor, ao ser-lhe revelada esta notável e original coincidência, justificou-a mais ou menos assim:

«Considero o caso bastante lógico e julgo que todos me darão razão. O rugby é um dos desportos mais árduos, para o qual se exigem faculdades de tenacidade, robustez, lealdade, severidade, experiência e auto-domínio. Quem as possuir e queira aplicá-las noutras actividades, tem o triunfo mais a getito. Por outras palavras, as probabilidades são maiores.

«E, em política, sobretudo, aquelas faculdades parecem-me decisivas...»

Estas palavras são um hino integral dedicado às virtudes do desporto. O velho espírito britânico, inteiro, o do fair-play, aí fica estampado a marcar os mais notáveis actos da vida dos ingleses.

Belo e salutar exemplo!

R. B.

## As «Ligas» de Espanha

Valencia novamente à cabeça

Disputou-se no passado domingo a 9.ª jornada da Primeira Divisão com os seguintes resultados:

A. Bilbao...	5	—	Oviedo	....	1	
Valencia...	1	—	Alcoyano	..	0	
Espanhol...	1	—	Tarragona	..	0	
A. Madrid...	5	—	R. Madrid	..	0	
Sevilha...	4	—	Barcelona	..	0	
Gijon	....	3	—	Celta	.....	1
Sabadell	..	4	—	R. Sociedad		2

Dos três favoritos que seguiam à cabeça, o Barcelona e o Celta perderam e ficou isolado o Valencia, com 14 pontos. Em 2.º lugar vem agora o Sevilha, a um ponto de diferença. Barcelona e Valencia seguem juntos, com 12 pontos. Gijon e Espanhol que

estavam na coada venceram, e sabram.

O resultado entre os dois clubes de Madrid foi sensacional: apesar do Atlético estar em melhor forma, a diferença de golos é demasiada. Também é de sensação o resultado do Sevilha, assim como a derrota do Celta em Gijon.

Na Segunda Liga verificaram-se estes resultados:

Murcia	....	4	—	Castellon	..	1
Mestalla	...	2	—	Corunha	...	0
Badalona	..	2	—	Valladolid	..	2
Malaga	...	5	—	Maiorca	...	1
Hercules	...	5	—	Granada	...	2
Corдова	...	2	—	Levante	...	1
Ferrol	....	4	—	Baracaldo	..	0

Da derrota do Coranha beneficiao o Valladolid, que continua à cabeça, com 12 pontos. Lado a lado com o Hercules.

## RUGBY

Em Inglaterra

Continua na máxima força a prática do jogo do rugby em Inglaterra. As duas associações, Rugby Union e Rugby League, desenvolvem grande actividade, a primeira enretida com o campeonato entre os condados ingleses e a outra preocupada com desfilios entre clubes e cidades.

Os australianos que estão fazendo um giro no país — os Wallabies — obtiveram a sua 18.ª vitória. Venceram a selecção mista de Middlesd e Leicester por 17 pontos a 11. Os vencidos mostraram grande desentendimento entre si enquanto que os australianos foram admiráveis.

O match anual entre Paris e Londres, jogado agora no continente, acabou pela vitória dos londrinos por 6 pontos a 3. Os parisienses marcaram primeiro, passados três minutos e os britânicos igualaram antes do intervalo. Na 2.ª parte registou-se apenas um «ensaiio», em beneficio dos vencedores.

## TÊNIS

Os campeonatos internacionais brasileiros

Com a vitória do jovem tenista equatoriano Francisco (Panchito) Segura, que derrotou o americano Frank Parker no torneio «singulares», masculino, (6/3, 0/6, 7/5, 6/2) terminaram os campeonatos internacionais de ténis, realizados pelo clube Fluminense, do Rio de Janeiro.

A parrelha Drobny-Johansson, europeia, trianfa no desfilio «pares», mistos, ganhando a Segura-Parker, por 6/4 e 6/3.

## OQUEI

O T. C. de Lyon em Lisboa

Em Janeiro de 1948 deve apresentar-se em Lisboa o clube T. C. de Lyon, com uma equipa de ôquet e outra de ténis, dirigidas pelo conhecido tenista Henri Cochet.



*Vasat, tendo Barros longe, na sua frente, ageita a bola para marcar o 3.º golo, o último da sua série!*

*Vasat, formidável rematador no estilo dos jogadores de classe, ao marcar a 3.ª bola. Mais tarde, ele diria aos jornalistas: — Mas não custa nada marcar golos!*

*Da Rui é batido, sem apêlo nem agravo, pelo remate-fenômeno do pé esquerdo de Araújo! Ao tocar na bola, esta toma efeito e entra nas balizas!*



*Os franceses são punidos com um livre próximo da grande área. Fazem barreiros, mas não conseguem evitar que Travasso, com um pontapé forte, faça passar a bola por entre a barreira, provocando uma excelente defesa de Da Rui!*



*Azevedo defende e foge ao adversário!*